

## Para a normatização do português de Moçambique: aspectos fonético fonológicos da vibrante <r> e da lateral <lh> no português oral de Maputo

### RESUMO

No presente artigo falamos sobre a realização fonética e fonológica da consoante líquida <r> e do dígrafo <lh> em português de falantes de escolaridade média de Maputo. O objetivo é de identificar e apresentar as tendências que afastam o PM do PE no uso daquelas consoantes. Na base deste estudo está a teoria de variação linguística, considerando o contato linguístico entre o português e o changana e o ronga como causa principal da variação. O estudo baseia-se na metodologia qualitativa. Os resultados indicam que em posição de ataque intervocálica a consoante vibrante é realizada como múltipla [R] enquanto na posição de coda no final da palavra ocorre o fenômeno de paragoge com recurso à vogal [i]. Já no que tange ao uso do dígrafo <lh> a tendência é da sua realização aspirada, realizações distantes dos do PE.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português de Maputo; Uso da consoante <r> e do dígrafo <lh>; Tendências; Traço [+ Vibrante múltipla] e [+ Aspirado].

**Diocleciano Nhatuve**  
[djrnhatuve@gmail.com](mailto:djrnhatuve@gmail.com)  
Universidade de Zimbabwe, Harare,  
Zimbábue/ Universidade de Coimbra,  
Portugal

## INTRODUÇÃO

A língua portuguesa (doravante, LP) falada em diferentes cantos do mundo como língua não materna (doravante, LNM) conhece vários aspectos que a distinguem da língua falada no território luso pelos falantes do português europeu (doravante, PE). O encontro da LP com vários outros idiomas sintática, morfológica e fonologicamente diferentes resulta no fenômeno de transferência de certas propriedades de uma língua para a outra. As línguas autóctones, regra geral, têm exercido um papel muito saliente sobre o português, dando origem a fenômenos de variação e mudança linguísticas.

Nesse âmbito, o português falado em Moçambique apresenta aspectos fonéticos e fonológicos particulares suficientes para distinguir esta variedade emergente das duas variantes normativas, o PE e o português brasileiro (doravante, PB). Aliás, tal como constata Lopes (1997, p. 41 - 42), o português falado e escrito em Moçambique apresenta aspectos pertinentes para a sua qualificação como português de Moçambique (doravante, PM). Vários linguistas moçambicanos discutem, entretanto, sobre este assunto. Os pontos de divergências dizem respeito às questões sobre quando iniciar o processo de normatização do PM; e sobre os aspectos a considerar (aspectos da variedade falada pelas elites (cf. LOPES, 1997); aspectos evidentes em diferentes trabalhos descritivos (cf. GONÇALVES, 2010); aspectos que caracterizam o português das classes culta e média (cf. NHATUVE, 2017; 2018)). No que tange ao início da padronização do PM, Lopes (1997) é um dos autores que se opõem à perspectiva defendida por Gonçalves (2005) segundo a qual ainda não estão criadas as condições para o início da normatização sem sobressaltos. Aliás, esta autora, apresentando argumentos a favor da sua posição, revela que uma das áreas do PM que ainda clamam por estudos linguísticos é a da fonética.

O contato das línguas dá lugar à variação no uso da língua aprendida ou adquirida tardiamente. Com efeito, no contato entre o português e as línguas de raiz nigero-congolesa (línguas bantu) no seio dos falantes moçambicanos, dadas as diferenças existentes nas áreas de fonética e da fonologia, verificam-se alguns aspectos característicos das línguas autóctones na pronúncia do português.

Enquanto na LP um único grafema pode ter mais de um som, nas línguas bantu (LB) cada grafema representa um único som. Esta situação dá lugar ao fenômeno de influência translinguística em que os falantes de PM tendem a atribuir a cada grafema um único som. Ora, no âmbito da fonologia, esta tendência põe em causa determinados fonemas distintivos em português.

Sendo o PM uma variante emergente num contexto de contato linguístico, interessa identificar quais os grafemas, fones ou fonemas sujeitos à variação como resultado desse contato linguístico entre o português e as línguas do sul de Moçambique, nomeadamente o changana e o ronga. Igualmente, mostra-se pertinente a identificação das formas orais que cada elemento (grafema) adquire.

Nesse contexto, o presente trabalho debruça-se sobre a variação fonético fonológica na realização da consoante <r> e do dígrafo <lh> em diferentes posições possíveis no interior da unidade lexical que se registra no português oral de Maputo. O objetivo principal é de descrevermos as realizações fonéticas dos elementos anteriormente enumerados e demonstrarmos até que ponto, devido

aos aspectos da fonética e da fonologia das línguas bantu, alguns fonemas do PE perdem o seu valor distintivo.

A realização deste estudo fundamenta-se pela necessidade de descrever aspectos que particularizam o PM, no âmbito do contato linguístico entre o português e as línguas bantu. Aliás, na discussão sobre a normatização do PM, um dos argumentos fortes apresentados para sustentar a ideia de ainda não estarem criadas as condições para o início do processo é a falta de trabalhos descritivos nas áreas de fonética e fonologia. Desta feita, este trabalho constitui um contributo para o conhecimento de alguns aspectos salientes nessas duas áreas. Esperamos, portanto, que os resultados que vamos apresentar sejam úteis quer em outros estudos do PM quer no trabalho de prescrição da variante moçambicana.

O corpus que analisamos é constituído por 120 gravações de voz na pronúncia de 12 palavras do português (50 correspondentes a pronúncia da consoante <r> em diferentes posições e 70 do dígrafo <lh>) (vd. infra quadro I). No total participaram deste exercício 10 jovens falantes de changana e ronga e residentes em Maputo. Os nossos informantes tinham idades compreendidas entre os 16 e os 25 anos, todos com nível médio de escolaridade (tinham concluído o 12º ano de escolaridade).

A cada informante solicitámos que lesse cada uma das palavras escritas num papel para efeito de gravação da sua leitura. Este processo (o de gravação) foi possível com recurso a um gravador de voz de marca Olympus VN\_6800PC. Para a análise dos dados, fizemos a transcrição fonética e fonológica da informação recolhida de tal forma que observássemos a realização dos diferentes grafemas em diferentes posições. Com vista a identificarmos os aspectos que particularizam as realizações do PM, contrastamos as transcrições dos dados com as das realizações segundo a norma do PE (na escola moçambicana ensina-se oficialmente a norma do PE).

O estudo é de natureza qualitativa e se guia pela teoria de variação linguística. A metodologia qualitativa nos permite apresentar os diferentes aspectos de variação do português no âmbito do contato deste idioma com as línguas bantu. Por sua vez, a teoria de variação linguística de raiz laboviana é mobilizada pelo fato de, em situações de contato linguístico (que sempre têm lugar na aquisição de LNM), prever a ocorrência de desvios explicáveis sob o ponto de vista de transferência e influência linguísticas (cf. LUCHESI, 2012; SALOMÃO, 2011).

No seio dos falantes de Maputo, o português se posiciona como língua materna para alguns, língua segunda para outros e língua franca para a maioria. Entretanto, de acordo com Barbosa (BARBOSA, 1989), no contato entre as línguas, verifica-se uma situação de bilinguismo em que os indivíduos utilizam dois ou mais sistemas linguísticos. Neste convívio, embora a LP não fique totalmente refém dos outros sistemas linguísticos, destes, assimila certos traços linguísticos. Efetivamente, a LP, devido às características apresentadas, tem sido hospedeira de vários traços fonéticos e fonológicos das duas línguas com que se foi irmanando ao longo da sua história em Maputo.

## 1. BREVES NOTAS SOBRE A VARIAÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS

Os fenômenos de variação e mudança linguísticas caracterizam todas as línguas em todo o mundo, especialmente neste mundo globalizado em que, praticamente, as línguas instalaram a sua indústria e o seu mercado; aliciando, de forma quase irreversível, cada vez maior número de clientes (estudantes e falantes) (CARNEIRO, 2009). Neste contexto é, como indicam linguistas como Mateus e Cardeira (2007), Silva (2008), Cardeira (2009), Chambers, Trudgill e Schillig-Estes (2002), inevitável a variação e mudança das línguas. Na verdade, “[...] language, [...] like everything else, gradually transforms itself [...]” (AITCHISSON 2001, p. 4).

A procura de razões da mudança e variação linguísticas nos conduz aos diferentes tipos de variação. Segundo Mateus e Cardeira (2008, p. 43) a variação e a mudança linguísticas podem ter razões endógenas ou exógenas (contato com outras línguas e culturas) dos sistemas linguísticos. Com efeito, se apontam a variação geográfica (variação diatópica), a variação social (variação diastrática), a variação diafásica e a variação diacrônica, esta última referente à mudança da língua ao longo do tempo. É, portanto, no contexto das razões exógenas que se enquadra a variação fonético fonológica de natureza diatópica do português falado em Maputo.

A questão dos aspectos fonéticos em português língua não materna (doravante, PLNM) foi estudada por Mateus (2011, p. 16 - 24), num projeto que se intitulava diversidade linguística na escola portuguesa. Este estudo foi efetuado no contexto português, onde basicamente na sociedade e na escola se comunica em português e, com certeza, se oferece um determinado tipo de input linguístico diferente do que os alunos de PLNM fora do mundo lusófono recebem. Resumidamente, no que tange aos aspectos fonético, Mateus revela que os alunos estudantes de português LNM em Portugal apresentam dificuldades relativas à pronúncia dos sons representados pelos grafemas <r>, <l>, <lh>, <rr>, <p>, <t>, <d>, <g>, entre outros, como resultado das características das suas LMs. Ademais, no que tange às oclusivas, o erro consiste no desvozeamento das vozeadas.

Considerando a estrutura da sílaba – constituída por um ataque (a consoante que precede a vogal), um núcleo da rima (a vogal, núcleo da sílaba) e (eventualmente) uma coda (consoante na posição final da sílaba) – entre as variedades africanas de português, o PB e o PE, se verificam realizações diferentes. É nesta última que, regra geral, se distinguem claramente as pronúncias da consoante <r> em diferentes contextos: posição de ataque no início da palavra ou numa sílaba mediana, bem como na posição de coda silábica.

Na variante brasileira do português, “a variedade de sons de r, (..) é grande. No Brasil, há realizações velar, uvular ou faríngea, utilizadas pela maioria dos falantes, e dental múltipla” (CÂMARA Jr., 1985 apud. MONARETTO, 2009, p. 141). Entretanto, Oshiro e Mendes (2013) analisando dados do português oral paulistano sobre a pronúncia de <r> em coda silábica revelam que

[...] a variante retroflexa é relativamente produtiva entre paulistanos, uma vez que ocorre em cerca de um terço (32,9%) [dos informantes. Linguisticamente], a variante retroflexa é favorecida quando precedida de vogal [-alta], seguida de consoante [coronal], em verbos, em sílabas tônicas e em final de palavra (OSHIRO; MENDES, 2013, p. 91).

As autoras associam este fenômeno de variação com a localização dos falantes nas zonas rurais e com a baixa escolaridade.

Ademais, Monaretto (2014, p. 142) cita Monguilhott (2007) que estudou o uso da vibrante em Florianópolis e concluiu que, na pronúncia do <r> no final da sílaba, “há a presença das variantes fricativa glotal (60%), fricativa velar (24%) e de tepe (16%)”. Já no que concerne ao Paraná, se baseando em Cyrino (2004), o autor revela que na posição intervocálica, em contexto de r-fraco, há o “predomínio de tepe, e, em contexto de r-forte, o contraste de variantes de vibrante múltipla e fraca. Em final de sílaba, predomina a variante retroflexa” (MONARETTO, 2014, p. 143).

Na posição de ataque, diz o autor

[...] há, na maioria das cidades, a presença de variantes realizadas na zona anterior da boca, como vibrante fricativa alveolar ou tepe. A fricativa velar é encontrada, com frequência mais alta, nas capitais, com exceção de Curitiba, e em Londrina. Na coda, o tepe é a variante de maior realização fonética na maioria das localidades. Em relação ao processo de mudança que a vibrante estaria sofrendo de posteriorização de sua articulação, verificado em outras regiões do Brasil, os dados revelam situação oposta na Região Sul (MONARETTO, 2014, p. 150).

Nas variantes africanas, com destaque para a moçambicana e a angolana, se verificam, no entanto, aspectos particulares. Timbane (2013, p. 96), apresentando exemplos da variação fonética do português de Angola, demonstra que as características das línguas bantu estão na origem desta variação e mudança. No caso particular, dá como exemplos, a colocação de vogais para desfazer a sílaba complexa (fazeri), caso também reportado por Gonçalves (2010) na variedade de Moçambique. No entanto, este fenômeno também se verifica em algumas camadas sociais falantes do português popular europeu. É caso para se afirmar que o fenômeno atinge diferentes grupos de falantes que, por várias razões, não são falantes do português europeu padrão.

## 2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

A variação fonética e fonológica do português de Maputo pode ser estudada a dois níveis: a variação dentro do país (dialetos) e a variação sob ponto de vista de variedades do português (PM vs PE). É importante recordar que, ao se aprender ou usar uma língua segunda ou uma língua estrangeira, há sempre uma

transposição, consciente ou não, de alguns processos ou traços da língua de identidade do indivíduo, a língua de privilégio na comunicação, a que se chama LM, para a LNM. Por outras palavras, a LNM, logo à primeira, tem influência da LM (VIEIRA, 1998, p. 89).

A transposição a que nos referimos anteriormente se pode consolidar e/ou sistematizar no uso da LNM pelos indivíduos numa área específica, na região, ou em todo o território, resultando em dialetos ou em variedades nacionais. Sendo as línguas faladas em Maputo como LMs diferentes umas das outras, com certeza, oferecem inputs diferentes ao português e, logo, há diferenças que implicam uma variação e mudança (CHAMBERS, TRUDGILL E SCHILLIG-ESTES, 2002). O quadro I abaixo indica algumas realizações da consoante <r> e do dígrafo <lh> por falantes de PM contrastadas com as realizações do PE.

**Quadro I: Aspectos fonético fonológicos do português de Maputo**

Palavras do português	Transcrição fonética e fonológica PE		Transcrição fonética e fonológica PM	
	/r/ vs		* /R/	
<b>Direito</b>	[di'rejtu]	/di'Rejtu/	[di'Rejtu]	/di'Rejtu/
<b>Perigo</b>	[pə'rigu]	/pə'Rigu/	[pe'Rigu]	/pe'Rigu/
<b>Amarei</b>	[ama'rei]	/ama'Rej/	[ama'Rei]	/ama'Rej/
<b>Característica</b>	[karakte'ri'tika]	/kaRakte'Ri'tika/	[kaRate'Ri'tika]	/kaRate'Ri'tika/
<b>Parágrafo</b>	[pa'ragrafu]	/pa'Ragrafu/	[pa'Ragrafu]	/pa'Ragrafu/
<b>Derivação</b>	[dəriva'sãw]	/dəRiva'sANw/	[deRiva'sãw]	/deRiva'sANw/
	/ʎ/ vs		* /ʎh/	
<b>Palhota</b>	[Pa'ʎota]	/pa'ʎota/	[pa'ʎhota]	/pa'ʎh <sup>3</sup> ota/
<b>Velho</b>	['veʎu]	/'veʎu/	['veʎhu]	/'veʎhu/
<b>Folha</b>	['foʎa]	/'foʎa/	['foʎha]	/'foʎha/
<b>Alheio</b>	[a'ʎeju]	/a'ʎeju/	[a'ʎheju]	/a'ʎheju/
<b>Alho</b>	['aʎu]	/'aʎu/	['aʎho]	/'aʎho/
<b>Colher</b>	[ku'ʎer]	/ku'ʎeR/	[ku'ʎher]	/ku'ʎheR/
<b>Filhinho</b>	[fi'ʎiɲu]	/fi'ʎiɲu/	[fi'ʎhiɲu]	/fi'ʎhiɲu/

A fonologia tem como objetivos estudar os sistemas de sons de línguas particulares para explicar o seu funcionamento (MATEUS, 1996, p. 172) enquanto a fonética se preocupa com o estudo científico dos sons da fala humana, desde a sua produção até à sua percepção (ANDRADE; VIANA, 1996, p. 115).

Entretanto, observando o quadro I, podemos constatar que as realizações e os usos das consoantes <r> e <lh> - a primeira em diferentes posições da palavra e da sílaba (ataque ou coda) - na comunicação oral são diferentes entre falantes do PE e do PM, no que diz respeito à pronúncia e à função na palavra, embora em Maputo, onde se fala a última variante, se ensine oficialmente a norma do PE.

### 2.1. Uso da consoante <r> em ataque intervocálico e em coda no final da palavra

No PE, entre os fonemas /r/ e /R/, existem propriedades que permitem distinguir um do outro e, o uso de um num contexto, significa a não ocorrência do outro no mesmo contexto da mesma unidade lexical. Isto significa que o uso de um ou de outro implica a alteração da estrutura fonético fonológica e morfológico semântica da palavra. É que ao nível lexical, os dois fonemas são distintivos (MATEUS, 1996, p. 179). Atente-se nos exemplos:

Ex.: 1 PE VS PM

direito	[di'rejtu]	/di'Rejtu/	VS	direito	[di'Rejtu]	/di'Reitu/
perigo	[pə'rigu]	/pə'Rigu/	VS	perigo	[pə'Rigu]	/pə'Reigu/
amarei	[ama'rej]	/ama'Rej/	VS	amarei	[ama'Rej]	/ama'Rej/
carregar	[kaRe'gar]	/kaRe'gar/	VS	carregar	[kaRe'gari]	/kaRe'gaRi/

Tal como demonstram as transcrições apresentadas, os falantes de Maputo, na sua maioria de classe média, não encontram motivos e circunstâncias para a distinção fonética dos dois elementos ([r] e [R]). As transcrições fonéticas e fonológicas dos dois coincidem na variante moçambicana, em grande número dos casos. Observem-se as transcrições dos exemplos a seguir:

Ex.: 2

característica	*[kaRate'Ri'tika]	/kaRate'Ri'tika/
parágrafo	*[pa'Ragrafu]	/pa'Ragrafu/
derivação	*[deRiva'sãw]	/deRiva'sãw/

Um dado importante é que na maior parte das línguas bantu, LM dos falantes de Maputo, sobretudo changana, não se estabelece diferença entre /r/ e /R/. Aliás, o “sistema fonológico [do changana ] possui apenas a vibrante dupla [R] e não tem uma vibrante simples [r] ” (vd. Ex.: 3) (SITOE; NGUNGA, 2000 apud GONÇALVES, 2010, p. 42). Esta característica dos sistemas linguísticos do sul de Moçambique afigura-se como a principal causa das dificuldades de índole fonética e fonológica que originam a variação do português no que tange à pronúncia dos elementos em estudo, quando contrastado com o PE.

Ex.: 3 Changuana

Rhambu	[Rhãbu]
Miringo	[mi'Rigo]
Lirhandzu	[li'Rhãdzu]

Com base nos dados apresentados no quadro I e nos exemplos 1 e 2 constatamos que a pronúncia da consoante <r> varia quer na posição de ataque da sílaba quer na posição de coda. Efetivamente, na posição de ataque intervocálica, nos falares do grupo alvo, aquela consoante se realiza como uma vibrante alveolar múltipla [R], independentemente dos traços [+ Alto] ou [+ Baixo] da vogal precedente ou posterior. Já na posição de coda no final da palavra, o aspecto que se salienta é a colocação de uma vogal através do processo fonológico de paragoge – processo de acréscimo de uma letra no final da sílaba terminada por uma consoante em coda como em [falarɨ].

Portanto, em termos de tendências verificamos que os falantes de Maputo de português, devido às características fonético fonológicas das suas LMs, tendem a atribuir, de uma forma geral, o traço de [+ Vibrante Múltipla] à consoante <r>. Esta tendência, embora não bloqueie a comunicação entre os

indivíduos – não raras vezes devido às coordenadas discursivas e cotextuais – dificulta a decifração e compreensão de certas unidades lexicais. Aliás, parece que no PM, no discurso oral, desaparece o fonema /r/ e, conseqüentemente, o fonema /R/ perde o seu valor distintivo que o caracteriza no PE.

## 2.2. Uso da consoante <lh>

De acordo com autores como Fonseca e Marçalo (apêndice C), na LP, quanto ao modo de articulação se podem encontrar sons oclusivos, fricativos, laterais, vibrantes e nasais; não se encontrando, entretanto, nenhum som aspirado. Por conseguinte, não se prevê a aspiração, na gramática do português, do fone [λ] e do respetivo fonema /λ/ (FONSECA; MARÇALO, 2010, p. 163). Efetivamente, nos dados apresentados no quadro I está claro que na variedade europeia o fonema /λ/, regra geral, nunca aparece aspirado (vd. Ex.: 4).

Ex.: 4

Palhota	↘ [pa'λota]	/pa'λota/
Velho	↘ ['veλu]	/'veλu/
Folha	↘ ['foλa]	/'foλa/
Alho	↘ [a'λeju]	/a'λeju/

No entanto, na variedade moçambicana, os mesmos elementos aparecem com traços de aspiração sonora (vd. Ex.: 5). Esta propriedade dos sons que graficamente levam o grafema “h”, na forma simples ou na composição de um dígrafo que é, segundo Duarte (2000, p. 218), “conjunto de duas letras para representarem um som”, é um decalque das línguas bantu. Isto significa que sendo aspirados todos os sons que levam o “h” no changana e ronga (vd. Ex.: 6), os falantes de Maputo têm tendência a obedecer aos traços das suas LMs mesmo quando o código usado for o português.

Ex.: 5

Palhota	↘ [pa'λhota]	/pa'λhota/
Velho	↘ ['veλhu]	/'veλhu/
Folha	↘ ['foλha]	/'foλha/
Alheio	↘ [a'λheju]	/a'λheju/

Ex.: 6 Changana

Kukhizama	↘ [kukhi'zama]
Kuphalha	↘ [Ku'phaλha]

Portanto, podemos considerar que, no português de Maputo, o dígrafo composto pela consoante líquida <l> e pela aspirada <h> resulta num som aspirado diferentemente da sua realização em PE. Esta tendência é diferente da que foi detectada por Mateus (2011) referente à confusão entre a líquida velar [l] e a líquida vibrante [r] pelos estudantes de português LNM africanos, asiáticos e europeu. É igualmente distante da tendência de estudantes de PLE zimbabwianos caracterizada pela não realização da consoante [λ], sendo amiúde substituída pela líquida velar [l] (NHATUVE, 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “aquisição [e uso] de uma LNM implica a utilização dos órgãos do aparelho fonador e de processos psicológicos formatados para o uso na produção de sons e outras estruturas da língua materna” (NGUNGA, 2012, p. 8), entretanto, “cada língua possui os seus sons” (MARTINET, 1985, p. 17). Desta feita, a variação dos sons de português em Maputo é condicionada pela fonologia bantu. A variedade falada em Maputo se caracteriza, de forma geral, pela ocorrência apenas da consoante líquida vibrante múltipla [R] em diferentes contextos lexicais. Se caracteriza também pela aspiração do dígrafo composto pela líquida velar [l] e pela aspirada [h], se distanciando do PE e também do PB, nesta última em que, em diferentes regiões, se registram ocorrências de outras realizações da vibrante <r> (MONARETTO, 2014; OSHIRO; MENDES, 2013).

A variação fonética no português de Maputo tem como causas fatores exógenos da língua, concretamente, o encontro entre as línguas (MATEUS; CARDEIRA, 2008). Trata-se, portanto, da variação diatópica e diastrática. Internamente, devido a diferenças entre as línguas de Maputo e do Norte do país, no que tange aos fonemas /R/ e /r/, se verifica a formação de dialetos. Enquanto em Maputo se usa apenas [R], na região norte, por exemplo, devido à ausência dos fonemas /R/ e /r/ em Emakhuwa, se registra a sua desvibração (NGUNGA, 2012, p. 12- 13), resultando em líquida velar [l].

A mudança que se verifica no uso oral das líquidas <r> e <lh> por falantes de Maputo não compromete a comunicação, apesar das funções distintivas da consoante /R/ no PE. É que, tal como dizem Chambers, Trudgill e Schillig-Estes (2002), as variantes sobrevivem pela sua função social e não necessariamente pela configuração morfológica das unidades linguísticas. Aliás, os elementos em variação linguística não ocorrem linguística, semântica, social e até pragmaticamente isolados. Para a sua ocorrência, há uma série de coordenadas (co-textuais, discursivas, por exemplo) que se mobiliza para que aqueles elementos tenham a função pretendida e não qualquer outra, de tal forma que sejam compreensíveis as palavras de que fazem parte.

Obviamente, se as variantes são socialmente funcionais, têm implicações sociais. Os falantes de uma variedade à margem da norma do PE, caso da variante maputense, são alvos de críticas e menosprezo por parte dos que julgam falar a variante padrão. No caso moçambicano, embora não se possa excluir tais atitudes internamente, a situação torna-se mais expressiva quando se confronta o PM e o PE por nacionais ou estrangeiros falantes do PE. Embora a variação observada não comprometa a comunicação em português, constitui um importante aspecto peculiar do PM se comparado com o PE, distinção a ser ponderada na identificação das linhas de orientação para a standardização do PM.

Os dados revelados neste estudo de produções de falantes de escolaridade média de PM não constituem matéria definitiva a considerar para a prescrição do PM, por abranger apenas uma camada de falantes. Aliás, estes dados não permitem identificar a realização da consoante <r> em posição de coda no meio da palavra. Desta feita, é preciso, que outros estudos do gênero sejam feitos, para confirmar a tendência identificada e trazer à superfície conhecimento sobre aspectos não abrangidos neste estudo. Para além disto, é preciso que sejam feitos estudos também de falantes com escolaridade avançada com a finalidade de identificar o que é comum entre as duas camadas e, tal como propusemos em

Nhatuve (2017; 2018) sobre os aspectos a considerar para a normatização do PM, considerar tais tendências (comuns) como verdadeiras marcas do PM a incluir numa eventual norma.

A variação no uso daquelas consoantes resulta do contato entre o português e os aspectos da fonética e da fonologia do changana e do ronga, línguas maternas e de uso preferencial dos cidadãos. Portanto, considerando a omnipresença das LMs na vida dos indivíduos, parece ser menos frutífero tentar inverter a tendência. Aliás, mais do que considerar a variação como algo estranho e objeto de censura, a escola moçambicana deve esclarecer o cidadão (estudante e falante) sobre as causas e o significado linguístico da variação.

Esta postura vai permitir que o cidadão esteja consciente da sua forma de falar e usar a língua com mais confiança. As variantes linguísticas são legitimadas pelo seu uso na sociedade e não pelos aspectos meramente linguísticos; daí que as realizações linguisticamente consideradas errada em função de uma determinada norma, quando forem comunicativamente funcionais, são socialmente úteis. Nestes moldes, a variação diatópica e diastrática que se registra em Maputo, mais do que merecer censuras, constitui um sinal da flexibilidade e capacidade de adaptação, convívio (durante centenas de anos) e fraternização do português, face a novas línguas e culturas, tal como demonstra Carneiro (2009).

## TOWARDS THE STANDARDIZATION OF MOZAMBICAN PORTUGUESE: PHONETIC AND PHONOLOGICAL ASPECTS OF THE VIBRANT <R> AND THE LATERAL <LH>

### ABSTRACT

In this article we talk about phonetic and phonological aspect of the consonant <r> and of the digraph <lh> in spoken Portuguese by “A” level speakers from Maputo. The objective is to identify and present tendencies that differentiate Mozambican and European Portuguese in what regard the use of those consonants. The study is enlightened by the language change theory. The contact of Portuguese and Changana and Ronga is seen as the main reason of the language variation revealed in this paper. The qualitative methodology is adopted, and results show that the consonant <r> between vowels is sounded as a multiple vibrant [R] while at the end of the word the vowel [i] is added to that consonant. In what regard the usage of the digraph <lh>, the study shows that it is pronounced as an aspirated consonant. These aspects reveal differences between Mozambican and European Portuguese.

**KEYWORDS:** Portuguese spoken in Maputo; Use of the consonant <r> and the digraph <lh>; Tendencies; Multiple vibrant consonant; Aspirated consonant.

## NOTAS

- 1 As gravações tiveram lugar no ano de 2014 no âmbito de um trabalho académico sobre a variação fonética do português do sul de Moçambique.
- 2 A língua, tal como qualquer outra coisa, se transforma gradualmente.
- 3 Correspondente à aspiração do fonema /λ/.
- 4 O ronga é uma língua cujos falantes puros, em palavras puramente rongas, substituem o /R/ do changana pelo /z/.
- 5 Elemento que indica a aspiração dos sons em LBs dos falantes de Maputo.
- 6 Esta afirmação é baseada nas transcrições feitas a partir dos sons produzidos por falantes nativos de algumas LBs do sul de Moçambique.
- 7 É preciso salientar que a ortografia das duas línguas ainda não está estável. Existem propostas de ortografia feitas por linguistas moçambicanos como Ngunga e Faquir (2012). Com efeito, em certos casos, a ortografia usada pelos cidadãos de nível médio ou baixo de escolaridade pode não coincidir com a proposta na obra dos dois autores.
- 8 Correspondente à aspiração do fonema /λ/.
- 9 Emakhuwa é uma língua falada em todas as províncias da região norte de Moçambique (Niassa, Cabo-Delgado e Nampula) e também na Za

## REFERÊNCIAS

- AITCHISON, J. **Language change: processor or decay**. Cambridge: University Press. Third Edition, 2001.
- ANDRADE, A; VIANA M. C. Fonética. In FARIA, et al. **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.
- BARBOSA, J. M. **A Língua portuguesa no mundo**. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 2. ed. revista, 1989.
- CARNEIRO, R. A educação intercultural. In MATOS, A. T. de; LAGES, M. F. **Povos e culturas – No 13: Portugal intercultural**. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesas, 2009. p. 129-178.
- CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, P; SCHILLIG-ESTES, N. **The handbook of language variation and change**. Malden, Massachusetts: Blackwell, 2002.
- DUARTE, I. **Língua portuguesa: instrumento de análise**. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.

CARDEIRA, E. Revisitando a periodização do português: o português médio. In Domínios da Lingu@gem: **Revista Eletrônica de Linguística**, n. 2, 2º ano, 2009. Disponível online: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/1150>. Acesso: 16. 08. 2017.

FARIA, I. H et al. **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2ª ed, 1996.

FONSECA, M. C; MARÇALO, M. J. **Gramática prática da língua portuguesa**. Évora: Universidade de Évora, 2010.

GONÇALVES, I. **O ensino precoce da língua estrangeira no primeiro ciclo do ensino básico como fator de sucesso na aprendizagem da língua materna**. Coimbra: Edições IPC, 2003.

GONÇALVES, P. Português de Moçambique: problemas e limites de padronização de uma variante não-nativa. In: SINNER, Carsten. (Ed.). **Norm und Normkonflikte in der Romanian**. Munich: Peniopol, 2005, p.184-195.

\_\_\_\_\_. **A génese do português de Moçambique**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A, 2010.

LOPES, A. J. **Política linguística: princípios e problemas**. Maputo: Livraria Universitária-UEM, 1997.

LUCCHESI, D. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. In **Estudos linguísticos**, São Paulo, 41 (2), 2012, p. 793-805.

MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1985.

MATEUS, M., H., M; CARDEIRA, E. **Norma e variação**. Lisboa: Caminho, 2007.

MATEUS, M. H. M. Fonologia. In Faria et al. **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

\_\_\_\_\_. Diversidade linguística na escola portuguesa. **Revista lusófona de educação**, 18, 2011, pp.13-24.

\_\_\_\_\_. O comportamento das vogais nas variedades do Português. **Linguística** / Vol. 30 (2), 2014, pp. 19-43. ISSN 1132-0214 impressa.

MONARETTO, V. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L. e CALLISCHONN, G. (Org.) **Português do sul do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

NGUNGA, A. (2012) Interferências de línguas moçambicanas em português falado em Moçambique”. Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane, série: **Letra e Ciência Sociais**, Vol. 1, n. 0, 2012, pp 7-20. Disponível em: <http://www.revistacientifica.uem.mz/index.php/seriec/article/view/15>. Acesso: 4. 12. 2012.

NGUNGA, A; FAQUIR, O. **Padronização da ortografia das línguas moçambicanas**: Relatório do III seminário. Maputo: Coleção As Nossas Línguas II- Centro de Estudos Africanos-UEM, 2012.

NHATUVE, Deocliciano. Reflexão sobre a normatização do Português de Moçambique. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 1997-2007, 2017.

\_\_\_\_\_. **Para a normatização do português de Moçambique**: aspetos do uso do imperativo. Novas Edições Académicas, 2018.

OUSHIRO, L; MENDES, R. B. A pronúncia de (-r) em coda silábica no português Paulistano. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 8, n. 2, 2013, p. 66-95.

SALOMÃO, A. C. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2011, p. 187-207. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/19848412.2011v8n2p187>. Acesso: 02.03.2017.

SILVA, R. V. M. Teoria da mudança linguística e a sua relação com a história da língua. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**. v. 3, 2008. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6874.pdf>. Acesso: 23.03.2017.

STROUD, C; GONÇALVES, P. **Panorama do português oral de Maputo**. Maputo: INDE, 1997.

TIMBANE, A. A. **A variação e a Mudança Lexical no Português de Moçambique**, 2010. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (Tese de Doutorado).

VIEIRA, F. **Autonomia na aprendizagem da língua estrangeira**, 1998. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia - Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.

**Recebido:** 18 ago. 2017

**Aprovado:** 11 nov. 2018

**DOI:** 10.3895/rl.v21n32.6948

**Como citar:** NHATUVE, Diocleciano. Para a normatização do Português de Moçambique: Aspectos fonéticos fonológicos da vibrante e da lateral no Português oral de Maputo. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 32, p. 130-144, mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

**Direito autorial:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

